



Tupiniquins e guaranis estão morrendo de fome

Ao encerrar uma filmagem de duas semanas sobre os tupiniquins e guaranis da região de Caieras Velhas, 70 quilômetros ao norte de Vitória, o produtor da televisão estatal da Noruega, Jon Sletbak, acusou a Aracruz Celulose de praticar verdadeiro genocídio contra os índios, "ao reduzir-lhes cada vez mais as possibilidades de sobrevivência, inicialmente pela ocupação de suas terras agricultáveis com eucaliptos e, mais recentemente pela poluição dos mangues onde eles extraem mariscos que são a sua única fonte de renda atualmente".

Segundo Jon, que há quatro anos visita regularmente a América latina para produzir reportagens especialmente sobre minorias raciais, os tupiniquins já morreram uma vez com o etnocídio de que foram vítimas ao serem violentamente integrados na sociedade nacional e ao perderem em consequência sua identidade étnica. "Hoje - acrescentou - eles são um agrupamento de pouco mais de 600 pessoas sem passado e esquecidas de sua própria língua, tal o estado de degradação cultural a que foram levados".

"Se o governo não fizer alguma coisa com urgência - disse - eles vão morrer também fisicamente graças ao que, sem dúvida alguma, poderá ser classificado de genocídio contra uma minoria racial esbulhada em seus direitos sobre uma grande área territorial por um poderoso grupo econômico com a Aracruz Celulose, que é presidido por um norueguês, Erling Lorentzen, casado com uma filha do rei Olav V da Noruega". Além de manter contato com os índios da região, Jon filmou a gigantesca fábrica da Aracruz Celulose, com uma capacidade de produção de 400 mil toneladas anuais, e parte do litoral afetado pelo lançamento de efluentes industriais com substâncias altamente tóxicas, como cloro-soda, que praticamente estão eliminando a fauna marinha do litoral. O que mais o impressionou foi a capacidade de sobrevivência dos tupiniquins, com sua persistência numa primitiva pesca de caranguejo, depois de perderem as terras onde faziam suas lavouras de milho, feijão e mandioca para a Aracruz. Porém, Jon constatou que em consequência da poluição, os mariscos, de um modo geral desapareceram, exceto o caranguejo, que continua sendo pescado pelos índios, mas em menor escala.

"De acordo com o que os tupiniquins me contaram - relatou - antes da fábrica entrar em operação em outubro do ano passado, cada um deles pescava em média de oito a dez dúzias de caranguejos por dia e atualmente sua produção não vai além de cinco dúzias. Com a poluição é irreversível, tendo em vista a experiência dos lagos noruegueses contaminados também por fábricas de celulose, parece-me que em breve os tupiniquins e os guaranis não terão mais o que pescar".

